



Arábia: um Brasil profundo

Bernardo Soares Pereira ¹

Resumo

Crítica do filme *Arábia* (2017), produção brasileira dirigida por Affonso Uchoa e João Dumans. O filme conta a vida de Cristiano, um trabalhador que busca reconstruir a vida. Através de suas andanças por Minas Gerais, a obra nos apresenta o retrato de um Brasil profundo, mostrando o cotidiano de homens e mulheres comuns, em suas paixões e sabores.

Palavras-chave: Cinema brasileiro, Trabalhadores, Minas Gerais.

Arábia: un Brasil profundo

Resumen

Crítica de la película *Arábia* (2017), producción brasileña dirigida por Affonso Uchoa y João Dumans. La película cuenta la vida de Cristiano, un trabajador que busca reconstruir la vida. A través de sus andanzas por Minas Gerais, la obra nos presenta el retrato de un Brasil profundo, mostrando el cotidiano de hombres y mujeres comunes, en sus pasiones y sabores.

Palabras llave: Cinema brasileño, Trabajadores, Minas Gerais.

Arabia: a deep Brazil

Summary

Review of the film *Arabia* (2017), a Brazilian production directed by Affonso Uchoa and João Dumans. The film tells the story of the life of Cristiano, a worker who seeks to rebuild his life. Following his wanderings through the state of Minas Gerais, the movie portrays a profound Brazil, showing the daily life of ordinary men and women, in their passions and sorrows.

Key words: Brazilian movie, Workers, Minas Gerais.

Dois meses antes de ser assassinado pela Junta Militar de Pinochet, o compositor chileno Victor Jara, em uma apresentação para um canal de televisão peruano, referia-se a sua música *Te Recuerdo Amanda*, como uma história de amor entre um casal operário, duas pessoas comuns, com quem nos esbarramos cotidianamente nas ruas e não nos damos conta da

¹ Instituto Federal de São Paulo – IFSP.

complexidade do mundo que os habita. Cantado como o “fogo que arde sem se ver” por Camões ou como a “dilatação de um único ser até Deus” por Victor Hugo, o amor das poesias parece alcançar um aspecto místico, sobre-humano, quase como algo reservado àqueles que transcenderam as preocupações do mundo terreal, impossível de ser sentido por aqueles para quem bastam os cinco minutos para florescer.

De certa forma, o filme *Arábia* (2017), dirigido por Affonso Uchoa e João Dumans, pode ser entendido desta forma: uma tentativa de mostrar de forma humana, demasiada humana, um expressivo setor da sociedade brasileira para quem a vida insiste em se apresentar em sua face mais cruel, em suas paixões e dessabores, suas derrotas e pequenas conquistas.

Embalados ao som de *Três Apitos* – que toca duas vezes no filme, o que seria excessivo se não estivéssemos falando de uma composição de Noel Rosa na voz de Maria Bethânia – Cristiano (Aristides de Sousa), nesse momento operário em uma indústria têxtil, apaixonou-se por Ana (Renata Cabral), sua companheira de fábrica. Impossível não estabelecer um paralelo entre a letra de Noel Rosa, que fala de uma mulher que trabalha na fábrica de tecido, e a história que nos é contada na tela. A música, em *Arábia*, assume um papel crucial, como na própria abertura, em que escutamos *Blues run the game*, que, de algum modo, já nos apresenta a síntese da vida andarilha de Cristiano, levando tristeza aonde vai.

O amor entre Cristiano e Ana se desenvolve de forma despreziosa, sem exigência de cama de cedro ou colchão especial, ou, nas palavras de Ana “eu te quero, e isso é algo extremamente simples”. Mas como a vida que dá é a vida que tira, o término do namoro é o que motiva Cristiano a nos contar a história de como conheceu Ana, não sem antes nos apresentar a história de sua vida, de como ganhou e como perdeu.

A história de Cristiano só nos é mostrada a partir do minuto 21:00, em uma operação arriscada dos diretores, quando a tela fica escura e o nome do filme aparece, dando a impressão que até então estávamos vendo outra coisa. De fato, os minutos iniciais parecem mostrar a vida do jovem André (Murilo Caliani), que aparece logo na cena de abertura, em um lindo plano sequência de quase três minutos sobre o cenário característico dos Mares de Morros da Minas Gerais. Abruptamente, a paisagem natural, clara, é cortada e somos jogados para a escuridão da noite, na qual vemos uma fábrica, um desses gigantes devoradores de ferro (e de homens) que cospem fumaça, em um cenário que muito lembra os registros iconográficos das fábricas da primeira revolução industrial.

A fábrica parece moldar inclusive a personalidade daqueles que vivem na vila operária. Logo no início, somos levados a deduzir que o irmão de André sofre de problemas respiratórios ocasionados pela poluição. A fumaça da fábrica parece acinzentar a paisagem e a vida

dos moradores da vila operária, sentenciando André à solidão de viver em um lugar envelhecido. Ao longo do filme não vemos mais ninguém de sua faixa etária. Sua situação é objeto de compaixão de Cristiano, que demonstra empatia até mesmo para com aqueles que aparentam uma vida mais remediada do que a sua.

O contraste entre o cenário urbano e rural aparece diversas vezes ao longo do filme. Durante sua vida, Cristiano experimenta trabalhar na lavoura de mexerica, na indústria pesada, em fábricas de tecido e abrindo estradas. Realizando sempre o trabalho elementar dos homens elementares, sua trajetória sintetiza a realidade de uma grande parcela da população brasileira, vivendo sempre sob relações instáveis de trabalho, sem fronteiras definidas entre o campo e a cidade, migrando de um lugar para o outro em busca de emprego. Sua vida poderia ser a síntese de uma análise sociológica de um Brasil que não respeita limites rígidos entre cenários e modos de vida, aquilo que Francisco de Oliveira certa vez chamou de Ornitórrinco, que congrega em si um mescla peculiar do moderno e do arcaico, que se retroalimentam e produzem essa formação social tão própria.

A história de Cristiano nos chega na ocasião de um acidente que teve na fábrica, após um mal repentino que o induz ao coma. Ao ter contato com o diário de Cristiano, André passa a lê-lo, e a partir daí temos um filme grande parte narrado em *off* pelo protagonista, outro procedimento arriscado dos diretores, que poderia soar enfadonho caso mal utilizado, mas que no filme serve para nos aproximarmos do mundo e dos dilemas de Cristiano, assim como nos ajuda a seguir de perto seu processo de tomada de consciência. Um bom exemplo talvez seja a cena em que Cristiano atropela uma pessoa e resolve ocultar o cadáver, uma atitude que seria inaceitável se logo depois não o ouvíssemos dizer que não queria voltar para a cadeia. Conhecendo a seletividade característica do judiciário brasileiro, não há dúvidas que esse atropelamento culposos fosse resultar na volta de Cristiano para a prisão.

Vemos, assim, que uma juventude desassistida e uma tentativa de assalto o levaram à prisão e descobrimos que o “bandido bom” é aquele que tem a oportunidade de reconstruir sua vida após cumprir a pena, ainda que o Estado lhe negue esse direito. Sua pressa de viver o joga na estrada e ao longo do filme o protagonista passa por diversas cidades em situações muito diferentes. Apresenta-nos o Brasil sem ultrapassar as divisas mineiras. As generalidades dos problemas nacionais são retratadas nas especificidades das questões cotidianas das pequenas cidades do interior: o mundo é Minas Gerais.

Os diálogos entre os trabalhadores mostram sua riqueza na medida em que aparentam simplicidade. Destaco aqui dois momentos muito bem construídos pelos diretores, como a discussão entre os piores lugares para se dormir (chão frio ou sobre pedras?) e as piores car-

gas para se carregar (porco vivo ou sal?). Conversas que correm de maneira natural na boca da classe trabalhadora, mas só as conhecem quem vivenciou de perto essa realidade, o que é o caso de Uchoa, conforme já havia demonstrado em seu *A vizinhança do Tigre*.

A opção de se trabalhar com atores não profissionais também reforça o caráter humano do filme. Em muitos momentos, temos a impressão que os atores não estão interpretando mais do que sua própria história. O caso de Aristides é sintomático, uma vez que sua vida, inclusive com passagens na cadeia por pequenos delitos, serviu de base para a criação do personagem Cristiano.

A humanidade de Cristiano é forjada no calor do mundo desumano. Mudando de emprego e de cidade como quem muda de sapatos, a experiência no mundo do trabalho o coloca em contato com gente de toda a sorte: organizadores sindicais, pequenos proprietários, cafetinas, operários, lavradores, presidiários, etc. É a solidariedade daqueles que não têm mais nada a perder que cria os laços que os impedem de se afogar na sopra amarga da vida. Pergunto-me como estará Cristiano hoje no Brasil da redução da maioria penal, do fim dos direitos trabalhistas e previdenciários.

Cristiano é um trabalhador comum, desassistido frente aos interesses dos patrões. Em *Arábia* não há espaço para possíveis conciliações de classe. Patrões e empregados ocupavam seus devidos lugares na ordem social, sem dar lugar a ideia de que é possível caminharem de mãos dadas. Ao ser demitido da lavoura de mexerica, Cristiano não recebe nada do dono da terra, além de ofensas e um punhado de frutas, que as vende e come como se fosse um príncipe.

Aos poucos, Cristiano vai tomando consciência de sua sorte. O chão da fábrica lhe apresenta o fato extraordinário de que o operário faz a coisa e a coisa faz o operário. A cena final do filme é uma das coisas mais belas e profundas já produzidas pelo cinema brasileiro. Em um filme em que o som tem um papel importante – muitas vezes temos a impressão de ruído excessivos, com o ranger de portas em um tom acima do normal e o estrondoso roncar das fábricas – o silêncio ganha uma dimensão ainda mais poética. É como se o mundo ficasse calado para ouvi-lo, como se o silêncio fosse feito para que o povo brasileiro pudesse falar por sua boca.

É durante uma madrugada de trabalho na fábrica que Cristiano toma a consciência de seu lugar no mundo. A narração em *off* nos permite acompanhar aquele instante solitário em que o operário em construção se dá conta que tudo no mundo era feito por suas mãos. Infelizmente, nenhum outro operário o escuta e o maior momento de sua vida também é aquele que marca o seu fim. Como se a sociedade não o comportasse mais, Cristiano tem um mal

súbito e desmaia, atrapalhando a produção. Já não tinha mais utilidade para o mundo que havia construído.